

**OS PRODÍGIOS ESCUTADOS:  
A PARADOXOGRAFIA COMO GATILHO FILOSÓFICO?  
MARVELOUS THINGS HEARD:  
PARADOXOGRAPHY AS A PHILOSOPHICAL TRIGGER?**

**Bruna Tavares Cardoso**

Mestranda em Filosofia na UERJ

<https://orcid.org/0000-0003-4377-7517>

<https://lattes.cnpq.br/1162079690804133>

brardores@outlook.com

**Resumo:** Este artigo propõe a reflexão acerca das condições filosóficas em torno do gênero paradoxográfico a partir de um paradigma na tradição aristotélica: *Os Prodígios Escutados* (do grego, *περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων*) – texto frequentemente negligenciado do *Corpus Aristotelicum*. Nesta proposta, se apresenta a compilação de 178 relatos maravilhosos não mais descartada como mero almanaque de curiosidades, mas sim dentro de sua tradição textual específica: a paradoxografia. Para tal, são apontados um conjunto de quatro principais vetores estruturantes do gênero paradoxográfico (como manifestação lexical da maravilha, concisão narrativa, modelo testemunhal e organização), demonstrando a perfeita conformidade formal dos *Prodígios Escutados*. Na sequência, se examina a interseção singular desta obra com o pensamento peripatético, notando sua relação de canibalização dos tratados naturais de Aristóteles em seu processo de fabricação da maravilha. Assim, a provocação fundamental é de que a paradoxografia talvez funcionasse, no contexto do Liceu, como uma ferramenta propedêutica. Ao catalogar disrupções dos padrões da *phýsis* (φύσις), a obra operaria como um repositório de impulsos ao *thaumázein* (θαυμάζειν), a afecção fundamental do filósofo, que o próprio Aristóteles identifica na *Metafísica* como o ponto de partida fundamental para a investigação filosófica e científica.

**Palavras-chave:** Paradoxografia; Filosofia; Aristóteles; Maravilhas; *Phýsis*.

**Abstract:** This article proposes a reflection on the philosophical conditions surrounding the paradoxographic genre based on a paradigm in the Aristotelian tradition: *Marvelous Things Heard* (in Greek, *περὶ θαυμασίων ἀκουσμάτων*) – a frequently neglected text from the *Corpus Aristotelicum*. This proposal presents a compilation of 178 marvelous accounts that are no longer dismissed as a mere almanac of curiosities, but rather within their specific textual tradition: paradoxography. To this end, a set of four main structuring vectors of the paradoxographic genre (as a lexical manifestation of wonder, narrative conciseness, testimonial model, and organization) are pointed out, demonstrating the perfect formal conformity of the *Marvelous Things Heard*. Next, the singular intersection of this work with Peripatetic thought is examined, noting its relationship of cannibalization of Aristotle's natural treatises in its process of manufacturing wonder. Thus, the fundamental provocation is that paradoxography may have functioned, in the context of the Lyceum, as a propaedeutic tool. By cataloging disruptions of the patterns of *phýsis* (φύσις), the work would operate as a repository of impulses to *thaumázēin* (θαυμάζειν), the fundamental affection of the philosopher, which Aristotle himself identifies in *Metaphysics* as the fundamental starting point for philosophical and scientific investigation.

**Keywords:** Paradoxography; Philosophy; Aristotle; Wonders; *Phýsis*.

## Introdução

É curioso pensar como parece haver um lugar até mesmo para aquilo que há de mais estranho na compreensão humana do mundo. Aliás, curioso é, também, observar como o próprio critério de determinação do estranho e da norma variam conforme condições próprias de seu tempo. A cada repetição numerosa, cada padrão identificado, para onde será que escapam os espécimes desviantes? Para o estranho, enquanto elemento que escapa à regularidade de sua compreensão de mundo específica, a cultura da Grécia Antiga parece ter reservado um lugar narrativo igualmente peculiar: a paradoxografia. E se considerarmos – sob a ótica de um transeunte fictício qualquer e apenas para fins retóricos – a famosa anedota de Tales de Mileto que cai no buraco diante de si ao

se distrair com a observação dos astros, temos no ofício do filósofo outro lugar singular aos estranhos.

Este artigo propõe um breve olhar sobre o gênero paradoxográfico, a partir de um paradigma peripatético, para pensar suas eventuais relações com a atividade filosófica ou o início do filosofar sob os moldes de sua época. A estrutura geral do raciocínio exposto se organizará, então, em três momentos. No primeiro, serão apresentadas as condições de compreensão e identificação do gênero narrativo paradoxográfico, sua definição e singularidade formal. Em seguida, o escopo recairá sobre uma obra paradoxográfica exemplar segundo os critérios de adequação formal, o pequeno tratado de maravilhas preservado entre as obras de Aristóteles, intitulado *Os Prodígios Escutados* (em tradução portuguesa). E, por último, experimentar a hipótese de haver nesse tratado, com base em sua conexão ao ambiente intelectual do Liceu, além do mero entretenimento, também, uma propedêutica ao filosofar – como um possível treinamento dos sentidos, sobretudo visão e audição, para a afecção considerada originária da filosofia: o *espanto*.

Minha intenção, então, é mostrar como a paradoxografia nos coloca numa encruzilhada que tensiona os limites entre Literatura, Filosofia, Ciência e Cultura. Apresentá-la como um convite à experimentação de maravilhas e, então, questionar como a curiosidade, esse motor fundamental do conhecimento, talvez fosse cultivada e organizada no mundo helenístico.

O surgimento das paradoxografias é atribuído ao recorte cronológico que abrange o fim do século IV a.C. e o início do século III a.C. Esse momento cultural reúne um conjunto de fatores históricos, sociais e intelectuais que propiciaram as condições para a ebulição de um gênero narrativo dedicado ao extraordinário e ao exótico, dentre os quais estão, principalmente, as campanhas de Alexandre ao Oriente; o impacto das produções da escola peripatética sobre as cidades gregas; e a figura de Calímaco e a Biblioteca de Alexandria.<sup>1</sup> Espelosín chega a afirmar que a “ebulição de saberes” alcançada nesse período se repetiria novamente apenas com a chegada dos europeus ao continente americano, e continua:

---

<sup>1</sup> Para uma exposição mais detalhada acerca das condições culturais que viabilizaram e favoreceram a formação da paradoxografia, cf.: Dodds, 1951; Jacob, 1983; Schepens; Delcroix, 1996; Espelosín, 1996; Leyra, 2011; Bollito, 2014; Schliesser *et al.*, 2021.

Um novo universo natural, de dimensões insólitas e qualidades extraordinárias, aparecia agora diante dos olhos de um público helênico maravilhado, disposto a ouvir com satisfação qualquer tipo de notícia sobre esse mundo diferente e estranho que agora, pela primeira vez, podia ser contemplado pelos olhos de muitos. (Espelosín, 1996, p. 7 – em tradução livre).<sup>2</sup>

Segundo Pereira (2016, p. 215, n. 10), o conjunto das obras paradoxográficas não resistiu por completo à ação do tempo, já que a maioria das obras se perdeu para além de sua mera menção em manuscritos medievais. Dentre os principais representantes desse gênero, o nome que recebe maior destaque entre os comentadores é, sem dúvidas, o de Calímaco de Cirene (305-240 a.C.), a quem muitos atribuem a posição de primeiro paradoxógrafo.<sup>3</sup>

## 1 O gênero paradoxográfico

Antes de tudo, é interessante observar como parece haver, já na nomenclatura deste gênero narrativo, i.e. “paradoxografia”, a possibilidade de certo estranhamento sonoro para o interlocutor. Ao buscarmos uma definição de paradoxografia, julgo interessante experimentarmos suas veredas etimológicas. Nesse caso, como o nome grego já indica, *pará-doxa*<sup>4</sup> carrega o sentido de algo que está além *da crença* ou que é contrário à opinião comum. Ou seja, o termo *paradoxografia* pode ser compreendido como o nome da escrita de ocorrências contrárias ao senso comum ou, como bem definiu Leyra (2011, p. 23): “lista de notícias curiosas”. E, antes que a familiaridade sonora nos induza à compreensão

<sup>2</sup> Originalmente, Espelosín, 1996, p.7: “Todo un nuevo universo natural, de insólitas dimensiones y cualidades extraordinarias, aparecía ahora ante los ojos de un asombrado auditorio heleno, dispuesto a escuchar con complacencia cualquier clase de noticia sobre este mundo diferente y extraño que ahora por vez primera había podido ser contemplado por los ojos de muchos”.

<sup>3</sup> Cf. Flashar, 1990, p. 51; Giannini, 1964, p. 99 (*apud*. Sánchez, 2016, p. 238); Espelosín, 1996, p. 21; Schepens; Delcroix, 1996, p. 410; Wenskus, 2000, p. 311; Leyra, 2011, p. 23; Geus; King, 2018, p. 433. Alguns comentadores ampliam a noção de paradoxografia incluindo autores anteriores a Calímaco. É o caso de Pereira (*In*: Trales, 2019, p. 14-17.), que afirma que a forma já existe um século antes, sintetizando um primeiro período composto por, no século IV a.C., Éforo de Cime e Teopompo de Quios; e, nos séculos IV/III a.C., Teofrasto e Estratão de Lâmpsaco. Para o estabelecimento do corpus mais tradicional, ver Giannini, 1965; Espelosín, 1996.

<sup>4</sup> Segundo o LSJ, a preposição *παρά* normalmente assinala a ideia de concomitância, porém, podendo também denotar, a ideia de “estar além”. Cf. Schepens; Delcroix, 1996, p. 410; Leyra, 2011, p. 46; Eleftheriou, 2020, p. 127; Paléfato *et al.*, 2016, p. 152.

errônea, ressalvo: as paradoxografias não tratam de paradoxos, ao menos não em sentido moderno lógico-matemático. No limite, o sentido *paradoxal* expressa apenas um escape, ou desvio, da cadeia normativa da cosmovisão de seu tempo.<sup>5</sup> Trata-se, então, de um gênero narrativo em prosa concisa, especializado em compilar e difundir relatos de disrupção da *phýsis*, quando ela (ou parte dela) se manifesta à revelia do que se compreende como a norma. É com base na ambiguidade entre a norma e a natureza que os paradoxógrafos constroem suas narrativas (Eleftheriou, 2020, p. 128). Em outras palavras, paradoxografia é um estilo narrativo de apresentar coisas extraordinárias.

Sendo assim, embora cada obra reserve suas tendências próprias, o *corpus* paradoxográfico de que se tem conhecimento parece seguir uma estrutura padrão, que se evidencia principalmente segundo quatro critérios de identificação: (1) noção de “maravilha”, lexicalmente manifesta; (2) brevidade do fenômeno relatado, que evita explicações e contextos; (3) modelo testemunhal, que distancia o público do relato e canibaliza fontes; e (4) frequente organização temático-sequencial dos casos.<sup>6</sup>

A onipresença da maravilha ou do extraordinário é, sem dúvidas, a marca fundamental da forma paradoxográfica. Ela atua como o fio que tece a narrativa, evidenciando na trama as ocorrências que a natureza comporta de bizarro. Esse elemento assombroso, quando nomeado explicitamente, costuma seguir um conjunto lexical, tal como *thaûma*, *ídios* e o próprio *parádoxon*.

Outro traço de identificação formal do gênero é a concisão do relato. No geral, as obras paradoxográficas helenísticas são compostas como um conjunto de narrativas curtas, algumas até curtíssimas, quase como verbetes de uma enciclopédia de bizarrices. Elas deliberadamente evitam explicações causais profundas e, por vezes, até as omitem. O relato é concentrado objetivamente na maravilha sem suas circunstâncias, apenas apontando-a como digna de

---

<sup>5</sup> Para a compreensão de “paradoxo” como desvio da norma, segundo o jargão aristotélico, cf. Haddad, 2025.

<sup>6</sup> A preferência por “causos”, em detrimento de “casos” ou “histórias”, se dá com base na conotação popular e informal do termo, que reforça o possível aspecto incrível, inacreditável ou duvidoso do caso narrado.

maravilhamento. A finalidade, então, não é explicar, mas apenas expor o fenômeno em seu aspecto espantoso.

O terceiro indício relevante para identificar uma paradoxografia é o modelo testemunhal indireto ou a canibalização de fontes. Nesse estilo narrativo, a autoridade do narrador quase nunca é direta, o que gera um distanciamento importante entre o relato e o público, o que inviabiliza a aferição dos causos. Nessa etapa, o compilador de maravilhas, frequentemente, canibaliza fontes estabelecidas ou livres de suspeita. O modelo evidencia, ainda, o caráter de gabinete do ofício, que se favorece da cultura de biblioteca como recurso de acesso a obras e autores ilustres, extraíndo de seus contextos originais apenas a pepita do maravilhoso.

A respeito da organização temático-sequencial, as maravilhas, além de concisas e retiradas de seus contextos originais, apresentam padrões de organização dos causos, que variam principalmente por afinidade temática. Parte da composição do eventual efeito de maravilhamento sobre o leitor-ouvinte passa, também, pela disposição ou gradação dos causos que, até então coletados e tratados, recebem também um direcionamento.

Vale salientar que o universo das narrativas paradoxográficas comporta, como em outros tipos textuais, alguma heterogeneidade entre suas obras a depender da finalidade de cada composição, o que se estende, também, à própria noção de ‘maravilha’. As obras paradoxográficas, portanto, resultam de um processo poético de confecção do espanto com base na curadoria de quem as elabora. Assim, a especialidade de cada composição varia, e com ela, a própria noção de maravilha. Mas esses quatro vetores nos proporcionam uma base geral, sólida, de identificação do gênero.<sup>7</sup>

## **2 Os Prodígios Escutados – um caso peripatético**

*Os Prodígios Escutados* (ou *Peri Thaumasiōn Akousmátōn*, do grego, Περὶ Θαυμασιῶν Ἀκουσμάτων) representam um caso paradoxográfico

---

<sup>7</sup> Para maiores detalhes sobre as características formais do gênero paradoxográfico, ou as especializações de outras obras, cf.: Jacob, 1983; Schepens; Delcroix, 1996; Espelosín, 1996; Leyra, 2011; Eleftheriou, 2018.

preservado no conjunto das obras de Aristóteles. Segundo a paginação Bekker, os *PE* aparecem entre os textos da *Geração dos Animais* e dos *Problemata*, isto é, de 830a-847b. E, embora, hoje os comentadores a considerem uma obra espúria, sua autoria não pode ser completamente afastada do Liceu. Isso significa que seja, provavelmente, se não do próprio Aristóteles, talvez de Teofrasto ou Eudemo (Zucker; Mayhew; Hellman, 2024, p. 1).

Assim, valendo-se do ar intelectual da escola peripatética, os *PE* seguem adequadamente os quatro critérios paradoxográficos mencionados acima ao reunir 178 casos breves, de maravilhas naturais, narrados em testemunho indireto, segundo léxico e organização temática, dentre os quais, 50% da obra é dedicada a maravilhas do mundo animal, entre humanos (36%) e não humanos (14%), enquanto a outra metade, mais fragmentada, é subdividida em áreas como água ou fogo (15%), pedras ou minérios (14%), topografias (8%), plantas (8%), mel (4%) e, até, veneno (1%).

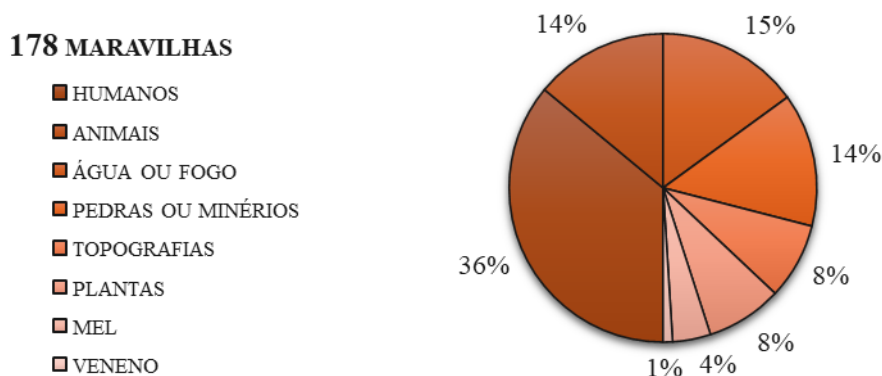


Gráfico 1: Os *PE* segundo os temas

A especialização majoritária em casos extraordinários da zoologia alinha os *PE* aos interesses da escola peripatética e, principalmente, dos tratados de Aristóteles, como *História dos Animais*, *Geração dos Animais* e *Partes dos Animais*. Essa semelhança temática não decorre do acaso, visto que os tratados biológicos do Liceu são, de fato, frequentemente canibalizados como fonte de coleta das maravilhas. Esse processo fica mais palpável com o cotejo de exemplos

que demonstram a canibalização de Aristóteles, da *História dos Animais* para os *PE*.

Neste primeiro exemplo, a confecção do maravilhamento decorre da aparente relação de colaboração mútua entre animais de espécies distintas – que a biologia moderna identifica, justamente, como mutualismo –, nesse caso entre um tipo de ave e crocodilos. O que se deve notar na comparação entre ambos os trechos, dos *PE* e da *HA*, é a diferença típica de cada obra para retratar uma constatação empírica. Quero dizer, parece haver um processo de lapidação da observação empírica em um suposto estado bruto (científico), para que esta assumira um traje de maravilhamento (estético), concentrado tão somente na maravilha:

No Egito, dizem que os borrelhos voam para dentro das bocas dos crocodilos e limpam os seus dentes, retirando com os bicos os bocados de carne que ficam neles retidos. Os crocodilos gostam disto e não lhes fazem mal (Aristóteles, *PE*, 7, 831a10. Tradução portuguesa de Reina Marisol Troca Pereira).<sup>8</sup>

*vs.*

Quando os crocodilos têm a boca aberta, os borrelhos enfiam-se-lhes lá para dentro, em pleno voo, e limpam-lhes os dentes; dessa forma, eles arranjam alimento, e os crocodilos que percebem que eles lhes são úteis, não lhes fazem mal. Bem pelo contrário, quando os querem fazer sair, sacodem o pescoço para os não morderem (Aristóteles, *HA* VIII, 6, 612a20-23. Tradução portuguesa de Maria de Fátima Sousa e Silva).<sup>9</sup>

Com o exemplo da fuinha talvez a confecção do maravilhamento se evidencie um pouco melhor. Aqui, o paradoxógrafo descontextualiza algumas frases de Aristóteles, na *HA*, conduzindo a perspectiva ao aspecto mais estranho do trecho inicial:

<sup>8</sup> *PE*, 831a10: Ἐν Αἰγύπτῳ δὲ τοὺς τροχίλους φασὶν εἰσπετομένους εἰς τὰ στόματα τῶν κροκοδείλων καθαίρειν αὐτῶν τοὺς ὀδόντας, τὰ σαρκία τὰ ἐνεχόμενα τοῖς ῥύγχεσιν ἐξέλκοντας· τοὺς δ' ἤδεσθαι καὶ μηδὲν βλάπτειν αὐτούς.

<sup>9</sup> *HA*, 612a20-23: Τῶν δὲ κροκοδείλων χασκόντων οἱ τροχίλοι καθαίρουσιν εἰσπετόμενοι τοὺς ὀδόντας, καὶ αὐτοὶ μὲν τροφήν λαμβάνουσιν, ὁ δ' ὠφελούμενος αἰσθάνεται καὶ οὐ βλάπτει, ἀλλ' ὅταν ἐξελθεῖν βούληται, κινεῖ τὸν αὐχένα, ἵνα μὴ συνδάκη.

O órgão sexual da fuinha diz-se que não é semelhante em natureza ao dos outros animais, sendo sempre duro como um osso, qualquer que seja o estado em que esteja. Diz-se que está entre os melhores remédios para a estranguria e é dado em forma de pó. (Aristóteles, *PE*, 12, 831b1-4. Tradução portuguesa de Reina Marisol Troca Pereira).<sup>10</sup>

vs.

A fuinha é do tamanho de um cachorro de Melite, dos pequenos; mas pelo pêlo, pelo aspecto, pela mancha branca que tem no ventre e pelo mau gênio que possui, é parecida com a doninha. É fácil de domesticar, mas prejudica as colmeias, porque gosta de mel. É também consumidora de aves, como os gatos. O órgão genital desta espécie, como atrás dissemos, é um osso, e o do macho parece constituir um remédio para a estranguria. Raspe-se antes de o administrar (Aristóteles, *HA*, IX, 6, 612b10-17. Tradução portuguesa de Maria de Fátima Sousa e Silva).<sup>11</sup>

Agora, mais um exemplo de comportamento peculiar entre animais de espécies distintas, agora com homens e aves no processo de caça:

Na Trácia, acima de Anfípolis, dizem que acontece algo prodigioso e incrível para quem não tenha visto. Os rapazes, ao virem das aldeias e das localidades das redondezas para caçar passarinhos, trazem com eles falcões e procedem do seguinte modo: quando chegam a um lugar conveniente, gritam pelos falcões, chamando-os pelo nome; ao ouvirem a voz dos rapazes, eles vêm e assustam os pássaros; estes, aterrorizados, refugiam-se nos arbustos, onde os jovens os apanham, batendo-lhes com paus. Mas há ainda algo mais espantoso nisto - quando os próprios falcões apanham algum pássaro, largam-no para os caçadores; e os rapazes, depois de darem uma parte de tudo o que foi apanhado aos falcões, vão-se embora. (Aristóteles, *PE*, 118, 841b15).<sup>12</sup>

<sup>10</sup> *PE*, 831b1-4: Τὸ τῆς ἰκτίδος λέγεται αἰδοῖον εἶναι οὐχ ὅμοιον τῇ φύσει τῶν λοιπῶν ζώων, ἀλλὰ στερεὸν διὰ παντὸς οἷον ὀστοῦν, ὅπως ἂν ποτε διακειμένη τύχη. φασὶ δὲ στραγγουρίας αὐτὸ φάρμακον εἶναι ἐν τοῖς ἀρίστοις, καὶ δίδοσθαι ἐπιζυόμενον.

<sup>11</sup> *HA*, 612b10: Ἡ δ' ἰκτις ἐστὶ μὲν τὸ μέγεθος ἡλικὸν Μελιταίων κυνίδιον τῶν μικρῶν, τὴν δὲ δασύτητα καὶ τὴν ὄψιν καὶ τὸ λευκὸν τὸ ὑποκάτω καὶ τοῦ ἤθους τὴν κακουργίαν ὅμοιον γαλῆ, καὶ τιθασσὸν δὲ γίνεται σφόδρα, τὰ δὲ σμήνη κακουργεῖ· τῷ γὰρ μέλιτι χαίρει. Ἔστι δὲ καὶ ὀρνιθοφάγον ὥσπερ αἱ αἰλουροὶ. Τὸ δ' αἰδοῖον αὐτῆς ἐστὶ μὲν, ὥσπερ εἴρηται, ὀστοῦν, δοκεῖ δ' εἶναι φάρμακον στραγγουρίας τὸ τοῦ ἄρρενος· διδῶσι δ' ἐπιζύοντες.

<sup>12</sup> *PE*, 841b15: Περὶ δὲ τὴν Θράκην τὴν ὑπὲρ Ἀμφίπολιν φασὶ γίνεσθαι τι τερατῶδες καὶ ἄπιστον τοῖς μὴ τεθεαμένοις. ἐξιώντες γὰρ οἱ παῖδες ἐκ τῶν κωμῶν καὶ τῶν ἐγγύς χωρίων ἐπὶ θήραν τῶν ὀρνιθαρίων συνθηρεύειν παραλαμβάνουσι τοὺς ἰέρακας, καὶ τοῦτο ποιοῦσιν οὕτως. ἐπειδὴν προέλθωσιν εἰς τόπον ἐπιτήδειον, καλοῦσι τοὺς ἰέρακας ὀνομαστικῶς κεκραγότες· οἱ δ' ὅταν ἀκούσωσι τῶν παιδῶν τὴν φωνήν, παραγινόμενοι κατασοβοῦσι τοὺς ὀρνιθας· οἱ δὲ δεδιότες ἐκείνους καταφεύγουσιν εἰς τοὺς θάμνους, ὅπου αὐτοὺς οἱ παῖδες ξύλοις τύπτοντες λαμβάνουσιν. ὁ δὲ πάντων ἂν τις μάλιστα θαυμάσειεν· οἱ μὲν γὰρ ἰέρακες ὅταν αὐτοὶ τινα λάβωσι τῶν ὀρνίθων,

vs.

Na Trácia, na região outrora chamada Cedrípolis, nos pântanos, as pessoas caçam aves pequenas com a ajuda dos falcões. Os caçadores, de pau na mão, sacodem os canaviais e as árvores, para a passarada levantar voo; aí os falcões, em voo picado, atacam-nos. Eles, assustados, voam outra vez para o chão, e as pessoas batem-lhes com os paus e apanham-nos. Os falcões recebem uma parte da caçada: atiram-se para o ar algumas aves e eles apanham-nas. (Aristóteles, *HA*, IX, 36, 620a35-620b8. Tradução portuguesa de Maria de Fátima Sousa e Silva).<sup>13</sup>

Nesses exemplos é possível reparar como o processo de seleção e compilação de casos paradoxográficos é, também, um processo de depuração do seu potencial maravilhoso. Quero dizer, ao extrair intencionalmente trechos específicos de um tratado aristotélico de zoologia, por exemplo, o autor-compilador elimina o contexto original dessas partes, por vezes até explicativo e, então, as incorpora numa sucessão de outros enxertos. Assim, a paradoxografia pseudo-aristotélica fornece pequenas doses de maravilhamento potencial a partir de exceções do curso ordenado da natureza.

### 3 A paradoxografia aristotélica como impulso ao filosofar

Se os *PE* são um provável produto do Liceu e da tradição aristotélica, a que tipo de proposta atenderiam? Seria algum tipo de exercício ou método iniciático-pedagógico? Por que razão um representante da tradição dedicada à investigação sistemática e causal da realidade se ocuparia da produção de uma obra notória por reunir ocasiões extraordinárias? Longe de tentar responder com convicção às perguntas anteriores, interessa pensar a relação entre o gênero de maravilhas e a

---

καταβάλλουσι τοῖς θηρεύουσιν, οἱ δὲ παῖδες ἀπάντων τῶν ἀλόντων μέρος τι τοῖς ἰέραξιν ἀποδόντες ἀπέρχονται.

<sup>13</sup> *HA*, 620a35-620b8: Ἐν δὲ Θράκη τῇ καλουμένη ποτὲ Κεδρειπόλει ἐν τῷ ἔλει θηρεύουσιν οἱ ἄνθρωποι τὰ ὄρνιθια κοινῇ μετὰ τῶν ἰεράκων· οἱ μὲν γὰρ ἔχοντες ξύλα σοβοῦσι τὸν κάλαμον καὶ τὴν ὕλην, ἵνα πέτῶνται τὰ ὄρνιθια, οἱ δ' ἰέρακες ἄνωθεν ὑπερφαινόμενοι καταδιώκουσιν· ταῦτα δὲ φοβούμενα κάτω πέτονται πάλιν πρὸς τὴν γῆν· οἱ δ' ἄνθρωποι τύπτοντες τοῖς ξύλοις λαμβάνουσιν, καὶ τῆς θήρας μεταδιδόασιν αὐτοῖς· ρίπτουσι γὰρ τῶν ὄρνιθων, οἱ δ' ὑπολαμβάνουσιν. Καὶ περὶ τὴν Μαιῶτιν δὲ λίμνην τοὺς λύκους φασὶ συνήθεις εἶναι τοῖς ποιούμενοις τὴν θήραν τῶν ἰχθύων· ὅταν δὲ μὴ μεταδιδῶσι, διαφθείρειν αὐτῶν τὰ δίκτυα ξηραίνόμενα ἐν τῇ γῆ. Τὰ μὲν οὖν περὶ τοὺς ὄρνιθας τοῦτον ἔχει τὸν τρόπον.

própria concepção aristotélica de maravilha (ou assombro) como origem do filosofar.

É no mínimo oportuno que, no corpus conservado do mesmo filósofo que definiu o espanto (ou maravilhamento) como o início da filosofia, encontremos, também, uma obra especializada em listar maravilhas. Aristóteles menciona o maravilhamento em alguns momentos de sua obra. Dentre estes, a passagem mais célebre está na *Metafísica*, onde ele explicitamente atribui o início da filosofia ao maravilhamento, enquanto estopim (ou gatilho) para a investigação das causas de um problema desconhecido:

De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração (*thaumázein*), na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos (*thaumásantes*) diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos a geração de todo o universo. Ora, quem experimenta uma sensação de dúvida (*aporôn*) e de admiração (*thaumázōn*) reconhece que não sabe; e é por isso que também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo: o mito, com efeito, é constituído por um conjunto de coisas admiráveis (*thaumasiōn*). De modo que, se os homens filosofaram para libertar-se da ignorância, é evidente que buscam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática (Aristóteles, *Metafísica*, 982b11–21. Tradução de Marcelo Perini).<sup>14</sup>

Para Aristóteles, é a partir da aporia, da perplexidade que deriva a admiração, evidenciando a ignorância que, por sua vez, gera no indivíduo o desejo de saber. O espanto seria, então, a afecção primeira, motriz da investigação que

<sup>14</sup> *Metafísica*, 982b11–21: Ὅτι δ' οὐ ποιητική, δηλον καὶ ἐκ τῶν πρώτων φιλοσοφησάντων· διὰ γὰρ τὸ θαυμάζειν οἱ ἄνθρωποι καὶ νῦν καὶ τὸ πρῶτον ἤρξαντο φιλοσοφεῖν, ἐξ ἀρχῆς μὲν τὰ πρόχειρα τῶν ἀτόπων θαυμάσαντες, εἶτα κατὰ μικρὸν οὕτω προϊόντες καὶ περὶ τῶν μειζόνων διαπορήσαντες, οἷον περὶ τε τῶν τῆς σελήνης παθημάτων καὶ τῶν περὶ τὸν ἥλιον καὶ ἄστρα καὶ περὶ τῆς τοῦ παντός γενέσεως. ὁ δ' ἀπορῶν καὶ θαυμάζων οἶεται ἀγνοεῖν (διὸ καὶ ὁ φιλόμυθος φιλόσοφος πῶς ἐστίν· ὁ γὰρ μῦθος σύγκειται ἐκ θαυμασιῶν)· ὥστ' εἴπερ διὰ τὸ φεῦγειν τὴν γνοιαν ἐφιλοσόφησαν, φανερόν ὅτι δ' οὐ ποιητική, δηλον καὶ ἐκ τῶν πρώτων φιλοσοφησάντων· διὰ γὰρ τὸ θαυμάζειν οἱ ἄνθρωποι καὶ νῦν καὶ τὸ πρῶτον ἤρξαντο φιλοσοφεῖν, ἐξ ἀρχῆς μὲν τὰ πρόχειρα τῶν ἀτόπων θαυμάσαντες, εἶτα κατὰ μικρὸν οὕτω προϊόντες καὶ περὶ τῶν μειζόνων διαπορήσαντες, οἷον περὶ τε τῶν τῆς σελήνης παθημάτων καὶ τῶν περὶ τὸν ἥλιον καὶ ἄστρα καὶ περὶ τῆς τοῦ παντός γενέσεως. ὁ δ' ἀπορῶν καὶ θαυμάζων οἶεται ἀγνοεῖν (διὸ καὶ ὁ φιλόμυθος φιλόσοφος πῶς ἐστίν· ὁ γὰρ μῦθος σύγκειται ἐκ θαυμασιῶν)· ὥστ' εἴπερ διὰ τὸ φεῦγειν τὴν γνοιαν ἐφιλοσόφησαν, φανερόν ὅτι διὰ τὸ εἰδέναι τὸ ἐπίστασθαι ἐδίωκον καὶ οὐ χρήσεώς τινος ἔνεκεν. τι διὰ τὸ εἰδέναι τὸ ἐπίστασθαι ἐδίωκον καὶ οὐ χρήσεώς τινος ἔνεκεν.

visa o conhecimento – ou o páthos (πάθος) do filósofo peripatético. Além disso, na *Retórica*, o maravilhamento e o aprendizado aparecem mais uma vez diretamente associados, listados entre as coisas mais prazerosas:

De igual modo o aprender e o admirar (*thaumázein*) são geralmente agradáveis; pois no admirar (*thaumázein*) está contido o desejo de aprender, de sorte que o admirável (*thaumastòn*) é desejável, e no aprender se alcança o que é segundo a natureza (Aristóteles, *Retórica*, 1371a31–34. Tradução portuguesa de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Do Nascimento Pena).<sup>15</sup>

Já na *Poética*, o maravilhoso é mencionado como elemento fundamental para o deleite estético da tragédia: “E o assombro apraz; signo disso é que todos, quando narram, acrescentam algo com o propósito de agradar. (Aristóteles, *Poética*, 1460a17. Tradução de Paulo Pinheiro)<sup>16</sup>. Quer dizer, para Aristóteles, o espanto não é uma afecção trivial, é uma experiência fértil e agradável, tanto cognitiva quanto estética.

Assim, enquanto escrita de ocorrências contrárias ao senso comum, a paradoxografia cultiva a curiosidade. Ela treina a mente e os sentidos a estarem atentos às anomalias, às exceções à regra da natureza, àquilo que desafia a explicação fácil. Ela representa uma série de convites à postura do filósofo, ou da criança questionadora, que estranha até mesmo as coisas mais corriqueiras. Por que certos animais exibem comportamentos semelhantes aos humanos? Por que acontecem coisas estranhas na natureza? Será que, antes de efetivamente buscar as causas dos problemas filosóficos, não seria necessário aprender a questionar, a formular as dúvidas, com o rigor da ciência aristotélica?

É na esteira dessas relações que eu faço minha provocação da paradoxografia, e em especial os *PE*, como uma propedêutica ao filosofar sob os moldes do Liceu. Digo, será que a tradição preservou também uma obra capaz de representar um conjunto de possíveis exercícios de introdução à metodologia dos

<sup>15</sup> *Retórica*, 1371a31–34: καὶ τὸ μανθάνειν καὶ τὸ θαυμάζειν ἡδὺ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ· ἐν μὲν γὰρ τῷ θαυμάζειν τὸ ἐπιθυμεῖν μαθεῖν ἐστίν, ὥστε τὸ θαυμαστὸν ἐπιθυμητόν, ἐν δὲ τῷ μανθάνειν <τὸ> εἰς τὸ κατὰ φύσιν καθίστασθαι.

<sup>16</sup> *Poética*, 1460a17: τὸ δὲ θαυμαστὸν ἡδὺ· σημεῖον δὲ, πάντες γὰρ προσπιθέντες ἀπαγγέλλουσιν ὡς χαριζόμενοι.

peripatéticos já iniciados? Interessa pensar se o processo paradoxográfico de consulta, adaptação e compilação de fontes previamente existentes poderia representar, não apenas um entretenimento erudito, mas, também, um treinamento intelectual.

Olhar para os *PE*, portanto, permite trazer à tona a atividade intelectual e as possíveis estratégias metodológicas do Liceu, revelando a possibilidade de que, ao lado da busca rigorosa pela suposta verdade universal, haja espaço para a compilação do singular, para o deleite com o inexplicado e, acima de tudo, para o cultivo sistemático do afeto sem o qual nenhuma filosofia pode começar: o espanto (*thaumázein*).

### Considerações finais

Sintetizando os pontos anteriores, temos, de um lado, uma obra, *PE*, produzida no Liceu, que se dedica a catalogar brevemente anomalias empíricas da natureza, sem oferecer explicações causais. De outro lado, temos Aristóteles, o fundador do Liceu, afirmando que o ponto de partida de toda a filosofia é o assombro (*thaumázein*) diante dessas mesmas anomalias. A interseção destes fatos nos permite formular uma hipótese sobre a função dos *PE*: seria a obra uma ferramenta propedêutica ao filosofar peripatético? Segundo essa hipótese, no contexto pedagógico do Liceu, os *PE* não seriam um fim em si mesmos. Eles não representariam o conhecimento filosófico, mas sim a sua antessala, como um exercício de experimentação da curiosidade através das oportunidades de maravilhamento. A brevidade dos relatos e a ausência deliberada de explicações são cruciais para esta função. O texto não entrega a solução; ele apresenta o convite ao problema, o “quebra-cabeça”, a *aporía*.

Ao apresentar ao estudante 178 ocorrências de disrupção dos padrões da *phýsis*, como plantas com propriedades medicinais, cooperações interespecies e comportamento anômalo entre animais, o compilador peripatético estaria, na prática, instigando o maravilhamento (*thaumázein*) de forma controlada. Assim, o catálogo de maravilhas serviria como um repositório de problemas empíricos na prática. E o interlocutor dos *PE*, confrontado com o relato paradoxográfico, como um suposto mito, seria então convidado a superá-lo, a mover-se para a

Filosofia em busca do conhecimento. A explicação ou fundamentação para resolver essas aporias, por sua vez, extrapolaria os *PE*, trazendo à baila os tratados mais científicos do Liceu, como os *Meteorológicos* (onde Aristóteles discute fenômenos atmosféricos).

Assim, os *PE*, longe de representar uma mera nota de rodapé no *corpus* Aristotélico, revelam-se uma peça maravilhosa do quebra-cabeça pedagógico do Liceu. Sua análise através do prisma da paradoxografia permite-nos compreendê-los não como um produto filosófico final, mas como um potencial catalisador, uma ferramenta. A obra exemplifica perfeitamente os vetores formais do gênero paradoxográfico, mas o faz com um viés inconfundivelmente peripatético, alicerçado no profundo interesse da escola pela valorização e investigação da natureza.

A valorização do maravilhamento (*thaumázein*) por Aristóteles como gênese da filosofia fornece o vetor hermenêutico decisivo para interpretar a função da obra. Os *PE* são a materialização didática desse assombro. Ao compilar e difundir maravilhas plurais, o Liceu não estava apenas entretendo, mas sim treinando seus estudantes na habilidade fundamental de se maravilhar, o primeiro e indispensável passo na longa jornada em direção ao conhecimento sistemático da realidade.

A recente retomada do debate internacional sobre a paradoxografia oferece, assim, uma oportunidade valiosa para conhecer os *PE* e, através deles, obter novos vislumbres sobre a prática cotidiana do ensino e da pesquisa na escola de Aristóteles.

## Referências

ARISTÓTELES. *História dos animais*. Livros VII-X. Tradução, introdução e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional, 2008.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução por Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, introdução e notas por Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

ARISTÓTELES. Sobre os prodígios escutados. In: ARISTÓTELES. *Sobre as cores e outros tratados pseudoaristotélicos*. Introdução e tradução de Reina Marisol Troca Pereira. Lisboa: Imprensa Nacional, 2018. p. 193-265.

BOLLITO, G. Il paradosso: appunti su un genere letterario. *Mosaico*, s/v, n. 1, p. 60-61, 2014.

DOODS, E. R. *Os Gregos e o irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. Rio de Janeiro: Escuta, 1951.

ELEFTHERIOU, D. *Pseudo-Antigono de Carystos: Collection d'Histoires Curieuses*. Vol. II: Commentaire. 2018. Tese (Doutorado em Línguas e Literatura Antigas), Université Paris Nanterre, Nanterre, 2018.

ELEFTHERIOU, D. La biche aux bois: réflexions sur le genre dans le contexte mythographique et paradoxographique. *Polymnia*, s/ v., n. 5, p. 126-149, 2020.

ESPELOSÍN, F. J. G. (org.). *Paradoxógrafos griegos, rarezas y maravillas*. Introducción, traducción y notas de F. Javier Gómez Espelosín. Madrid: Gredos, 1996.

FLASHAR, H. Einleitung. In: ARISTOTELES. *Aristoteles Werke in Deutscher Übersetzung*. Begündet von Ernst Grumach. Herausgegeben von Hellmut Flashar. Band 18, Opuscula. Teil II. Teil III. Berlin: Akademie-Verlag, 1990.

GEUS, K.; KING, C. C. Paradoxography: wonder stories, tall tales, and the limits of reason. In: KEYSER, P; SCARBOROUGH, J. (eds.). *Oxford handbook of science and medicine in the classical world*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

GIANNINI, A. (ed.). *Paradoxographorum Graecorum Reliquiae*. Milano: Istituto Editoriale Italiano, 1965.

HADDAD, A. B. Acerca das Refutações Sofísticas, de Aristóteles, capítulos 1 e 16. Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil. *Cadernos de Literatura em Tradução*, s/ v., n. 30, 2025.

JACOB, C. De l'art de compiler a la fabrication du merveilleux. Sur la paradoxographie Grecque. *Lalies : Actes des sessions de linguistique et de littérature*, v. 2, n. 24, p. 121-140, 1983.

LEYRA, I. P. *Entre ciencia y maravilla*. El género literario della paradoxografía griega. Colección Monografías de Filología Griega, 21. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2011.

PALÉFATO; HERACLITO; ANONYMUS. ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ (Sobre os fenômenos inacreditáveis). Tradução e organização de Reina Marisol Troca Pereira. *Journal of Ancient Philosophy*, v. 10, n. 2, p. 140-302, 2016.

PEREIRA, R. M. T. Poltergeist: Quem Tem Medo de Φαντάσματα? (Phleg. Mir. 1-3 Em Consideração). *Revista de Estudos Clássicos*, 43, p. 211-232, 2016.

SCHEPENS, G.; DELCROIX, K. Ancient Paradoxography: Origin, Evolution, Production and Reception. In: PECERE, O.; STRAMAGLIA, A. (org.). *La letteratura di consumo nel mondo Greco-latino*. Atti del convegno Internazionale. Cassino, 14-17 settembre 1994. Italie: Università Degli Studi Di Cassino, 1996. p. 376-460.

SCHLIESSER, B.; RÜGGEMEIER, J.; KRAUS, T. J.; FREY, J. (ed.). *Alexandria: Hub of the Hellenistic World*. Germany: Mohr Siebeck, 2021.

TRALES, F. *História, Histórias e Paradoxografia: Opera Omnia*. Tradução do grego, introdução e comentário por Reina Marisol Troca Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

WENSKUS, O. Paradoxographoi. I. Antike. In: CANCIK, H; SCHNEIDER, H. *Der neue Pauly: Enzyklopädie der Antike/hrsg.* Bd. 9. Stuttgart; Weimar: J.B.Metzler, 2000.

ZUCKER, A.; MAYHEW, R.; HELLMAN, O. (Orgs.). *The Aristotelian Mirabilia and Early Peripatetic Natural Science*. Rutgers University Studies in Classical Humanities. Abingdon & New York: Routledge, 2024.